

No tempo da nacionalização: um olhar histórico para a literatura

Renato Muchiuti Aranha

muchiuti_182@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo trata do projeto de nacionalização pelo qual se buscava fazer com que os descendentes de imigrantes europeus se reconhecessem como brasileiros. Como fonte de pesquisa foi utilizada a obra *No tempo das tangerinas*, de Urda Kluger, que retrata a vida de uma família de descendentes de alemães na região do Vale do Itajaí. O objetivo é refletir sobre as representações construídas através da análise de discurso.

Palavras-chave: Identidade; Discurso; Literatura; Nacionalização

Abstract: This article talk about the nationalization project which intended to make descendents of immigrants recognize themselves as Brazilians. How research source was used the book *No tempo das tangerinas* from Urda Klueger, that portray the life of a german descendants family in Itajaí Valley. The object is reflects about those representations builds trough the speech analysis.

Key words: Identity; Speech; Literature; Nationalization

The time of nationalization: a historical view about literature

Cinquenta anos de República irresponsável e alguns anos de descuido do Império permitiram que os núcleos de colonização estrangeira se transformassem em verdadeiros quistos raciais; ameaçadores de nossa soberania, centros de divulgação e irradiação de ideais alienígenas, soluções de continuidade do espírito nacional.¹

Muitas são as fontes das quais dispõem os historiadores para a execução e concretização de suas pesquisas e, dentre estas, ressalto uma que considero de grande importância, principalmente para analisar a sociedade brasileira pós-independência, que é a literatura.

A literatura e a história por muitas vezes caminharam e ainda caminham lado a lado, principalmente quando o assunto é a identidade nacional. Tradicionalmente, os chamados grandes escritores trabalharam para a construção de uma identidade nacional, seja no Brasil ou na Europa. Tomemos como exemplo a obra *O guarani*, de José de Alencar, que colaborou com a criação de uma identidade nacional a partir do Indigenismo. Sobre isso, Renato Ortiz, no livro *“Românticos e folcloristas: cultura popular”*, discute as representações e ideais que José de Alencar buscou transmitir, assim como as relações existentes entre as personagens da história.

¹ BETHLEM, Hugo *apud SEYFERTH*, Giralda. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Rio de janeiro: Mana, abril de 1997. Vol. 3 n.1.



O presente trabalho segue este mesmo viés, analisando a obra “*No tempo das tangerinas*”, da escritora catarinense Urda Klueger, focando as representações e discursos do período da Nacionalização no Brasil e sua repercussão em Santa Catarina, um dos estados mais afetados por essa política. Peça fundamental para a discussão com a literatura, a técnica da análise de discurso se faz presente no pensamento da linguista Eni Orlandi,² um dos maiores nomes do segmento no Brasil, e também em com Nicolau Sevcenko,³ que fez pesquisa sobre a participação dos escritores brasileiros na política.

A Nacionalização foi um projeto que se iniciou, segundo Jaecyr Monteiro⁴, nos primeiros anos do século XX, porém, não tendo grandes atuações. Em 1918, medidas mais efetivas foram tomadas, principalmente em relação à educação, sendo o ingresso de descendentes de imigrantes nas escolas públicas subvencionado pelo Estado. Mas, somente a com o governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930, e principalmente o período denominado Estado Novo, a campanha nacionalista se tornou mais forte, principalmente nos anos que correspondem à Segunda Guerra Mundial. A presença de núcleos de imigração italiana, alemã e japonesa não agradava ao governo, que temia a existência nestes núcleos de partidários destes países, pois, apesar de serem brasileiros, esses descendentes de imigrantes, em sua maioria, consideravam sua a pátria de origem, não o Brasil.

Essa situação estava presente em Santa Catarina. As colônias ficavam praticamente isoladas do restante da sociedade brasileira. Nesses locais era utilizado o dialeto alemão ou italiano para as pessoas se comunicar. As escolas que lá existiam eram organizadas pelas próprias colônias e seus professores eram também falantes de dialetos europeus. A língua, segundo Sylvia Novaes⁵, é o principal meio de se reconhecer uma identidade. No romance de Urda Klueger, todas as personagens que são retratadas como descendentes de alemães falam somente o dialeto, não sabendo falar o português. A autora apresenta a maioria das personagens como tendo um amor grande para com o Brasil e se afirmando brasileiros.

No fragmento onde há uma discussão entre Guilherme Humberto Sonne e Lucy Sonne, sobre a brasilidade dos filhos:

— Lucy, você parece se esquecer que nossa pátria é aqui! – o pai rebatia.

² ORLANDI, Eni P. *Discurso e literatura*. Campinas: Unicamp, 1988. 2ª edição.

³ SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais da primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 3ª edição.

⁴ MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação*. Florianópolis: UFSC, 1984.

⁵ CAIUBY NOVAES, Sylvia. *Jogo de espelhos: imagens e representações de si mesmo através dos outros*. São Paulo: Edusp, 1993.



— A terra pode ser, mas o sangue de todos vocês é alemão! Vocês não podem negar o sangue que têm! Aqui é muito bom e tudo, mas vocês são alemães.

— Ora Lucy, se nós não fossemos brasileiros, Humberto-Gustav não estaria servindo o exército.

— Que sirva, já que é dever dele por haver nascido aqui. Mas você não vai negar que seu filho é tão alemão quanto qualquer soldado dos que estão agora na Holanda ou na Bélgica.⁶

Ou em outro trecho, no qual se discute a entrada do Brasil na guerra:

— Não está certo isso de o Brasil se colocar contra nós! – opinava ela. – O Brasil, que tanto recebeu da nossa gente, olhem, olhem só esta cidade, o progresso desta região! Se não fossem os alemães isto aqui ainda seria puro mato, estaria cheio de bugres. Viemos, domamos a terra, a região se tornou rica, e agora o Brasil nos declara inimigos! Inimigos uma ova! Tem é que agradecer por todo o trabalho do nosso povo!

— Ah! Lucy, ah! Minha filha! – admoestava o avô. – Olhe a questão por outro lado. Pense que talvez os alemães é que devem agradecer por terem recebido essas terras, por terem tido a oportunidade de enriquecerem nelas. Tente ver o outro lado da moeda minha filha!

— Opa, só sei que não está certo, não está!

— Tem outra coisa, Lucy. Tirando você e a Cristina ninguém mais nessa casa é alemão. Todos nós já nascemos brasileiros.

— Opa, mas o sangue de todos vocês é alemão! Não importa onde tenham nascido, somos todos alemães!⁷

A personagem Lucy Sonne se apresenta como aquela que vai ser a mais radical defensora da germanidade da família, porém, ela é alemã de nascimento. As outras personagens vão se apresentar como mais moderadas, que se dizem brasileiras, porém, todos são falantes somente do dialeto alemão, o que é uma forma sutil de mostrar que estes também se reconheciam como alemães e que essa identidade se fazia presente em todas as personagens da família. A educação das crianças não transparece na obra de Klueger, pois esta não apresenta a escola das crianças, como eles aprendiam a ler e a escrever em dialeto alemão. Só os retrata lendo, escrevendo e falando. A educação era muito presente na vida de alguns grupos que imigraram para o Brasil. Tomando como exemplo os japoneses,

[...] os japoneses vinham com tradição escolar: 89,9% eram alfabetizados e manifestavam preocupação com a educação dos filhos, reunindo-se imediatamente em associações para a organização de escolas étnicas.⁸

⁶ KLUEGER, Urda A. *No tempo das tangerinas*. Florianópolis: Lunardelli, 5ª edição. p. 45.

⁷ *Ibidem*. p. 111.

⁸ FÁTIMA, Rosângela de. *A imigração japonesa em Curitiba*. Caçador: Ângelus Gráfica, 2003. p. 24.



A reprodução do conhecimento em escolas étnicas era muito comum nas colônias de imigrantes, não somente de japoneses, mas de outras etnias. Com relação ao imigrante de origem alemã, “a escola criada pelo colono alemão, aparentemente moldada em uma legislação brasileira, tinha como meta básica, manter os traços culturais da antiga Pátria, pois eram os únicos conhecidos por eles[...]”.⁹

Pelo fato de se preocuparem com a educação e a perpetuação da tradição, esses imigrantes criaram escolas voltadas para o ensino de sua própria etnia, visto que no Brasil a educação não era algo muito presente nem nas cidades e, nas colônias de imigrantes, era inexistente a educação fornecida pelo Estado. Esse silêncio da autora quanto a essa questão da educação, de não buscar representar a forma como eram ensinados os alunos de origem alemã, pode ser tomado como uma vontade de retratar as personagens as mais brasileiras possíveis. Retrata apenas a Lucy Sonne como uma exaltadora da germanidade, e coloca as outras como defensoras da brasilidade, não sendo possível inseri-las em um universo no qual se aprende alemão e cultura alemã.

Outro ponto a ser levantado é a ação da polícia em relação a esses descendentes de alemães, esta geralmente utilizava de violência, revistando casas, apreendendo rádios, livros ou qualquer objeto escrito em alemão. No romance de Klueger, ela representa a ação da polícia contra a família dos Sonne, as personagens principais da história, em três momentos: o primeiro é quando somente Lucy está em casa e, sem saber falar o português, recebe quatro policiais, que entram na casa e quebram luminárias e pegam os panos de prato escritos em alemão e os queimam. O segundo momento é quando a personagem Emma é presa por estar conversando em dialeto alemão na rua e a terceira situação se dá quando policiais novamente se dirigem a casa dos Sonne e quem atende a porta é a personagem Guilherme, este trajando a farda do exército. Ao verem o rapaz fardado, vão embora e não voltam mais.

Estas três situações são exemplos do que ocorria naquele período, pois muitas famílias tinham suas casas invadidas e pessoas eram presas. Juçara Castello Branco, em sua dissertação de mestrado, trabalhou com a memória de descendentes de alemães da cidade de Lajes, que na época vivenciaram essas ações. O resultado de seu trabalho demonstra como muitos homens descendentes de alemães foram presos e forçados a trabalhar, como mostra a fala de Maria Luiza Suiter Aquino:

⁹ MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação*. Florianópolis: UFSC, 1984.



Durante a Segunda Guerra foram detidos diversos alemães. Acho que eram uns 15 ou mais. Eles disseram que tiraram os alemães de casa para protegerem suas famílias, porque o povo podia se revoltar ou fazer alguma coisa contra os alemães. E assim, estando só as mulheres e as crianças em casa, ninguém faria nada.¹⁰

Os homens provavelmente foram presos por se acreditar que apresentavam maior perigo que as mulheres, ficando assim vigiados. Primeiro estes homens foram levados à delegacia, depois foram trabalhar na estrada de rodagem, ficando sob a supervisão de um feitor. Outro relato é interessante para se compreender a percepção de brasilidade que possuía o Estado: “Por força das circunstâncias, o pai sempre falava: “você são brasileiros. Você são de origem portuguesa. A mãe é alemã, mas você são filhos de português. Você são brasileiros, nasceram no Brasil, são brasileiros”.¹¹

Através do relato de Alice Mendonça colhido por Juçara Castello Branco, pode-se perceber que nem todos os imigrantes eram perseguidos nem precisavam abdicar de sua cultura, tendo grupos considerados mais absorvíveis pela sociedade brasileira, como os portugueses, provavelmente pelo fato de falarem o português como no Brasil. Vemos no relato que o pai da Mendonça, português, fala para as filhas que elas são de origem portuguesa e que isso tiraria delas qualquer perigo em relação à campanha nacionalizadora ou a ataques de pessoas contra os alemães.

Um ponto interessante presente no livro também diz respeito à forma como eram realizados os casamentos nas colônias alemãs. No livro de Urda Klueger, ela mostra a relação entre a personagem Guilherme, descendente de alemães e Terezinha uma “brasileira”. A autora faz uma representação da maneira como se davam casamentos entre os descendentes de alemães que viviam entre si nas suas colônias falando em dialeto e *brasileiros*. Grifo aqui a palavra brasileiros pelo fato de que mesmo que todos tivessem nascido em território brasileiro, os descendentes tanto de alemães como de japoneses e italianos, não se reconheciam como tal. As palavras usadas pela personagem Lucy são emblemáticas:

— Ouviu o que eu disse, Guilherme? Ela é uma brasileira, uma cabocla, não sabe nem falar o alemão. E é católica também, já a vi vindo da igreja, é católica, tenho certeza. Não é uma moça que sirva pra você, filho.¹²

E mais adiante:

¹⁰ BRANCO, Juçara de Souza Castello. *Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória*. Florianópolis, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. p. 34.

¹¹ *Ibidem*. pág. 42.

¹² KLUEGER, Op. cit. p. 86.



— Já lhe disse por que. Cabocla, católica, outro sangue, outro tipo de gente. Se você começar a sair com ela, acaba namorando, acaba casando-se, e daí, então? Não, nem quero pensar! Um filho meu misturando-se com uma brasileira! Não, Guilherme, pode esquecer! Ela não serve para você. Você precisa de alguém da sua raça, da sua gente! Acha que seria feliz ao lado de uma mulher desse tipo? Não, não e não!¹³

Comparando-se essa representação com a fala do Padre Andreas Wiggers: “Para os alemães era natural que o rapaz casasse com uma moça da mesma estirpe, então havia este fechamento. Hoje é diferente”.¹⁴

Analisando o relato de Wiggers junto à representação de Klueger, podemos perceber que o sentimento de raça, pureza de sangue, estava ligado também ao fato de pertencerem a determinada sociedade, da qual faziam parte estes descendentes de alemão. Sendo somente aceitos em seu meio aqueles que possuíssem um fenótipo apropriado e que falassem algum dialeto alemão. Essas interações se alteraram conforme a campanha nacionalista se fortalecia. Essas pessoas foram forçadas a escamotear e/ou alterar sua identidade étnica, passando a se reconhecerem como brasileiras sob o mesmo signo de identidade nacional.

Sobre a relação de Guilherme e Teresinha, pode-se perceber certa semelhança com a obra de José de Alencar citada no início do texto. Em *O guarani*, o índio Peri se apaixona pela portuguesa Ceci, que corresponde a seus sentimentos. Alencar deixa o final solto, porém, dando a idéia de que, da união dos dois, simbolicamente surgiria o brasileiro. O romance de Klueger e o de Alencar se assemelham nesse ponto. Guilherme, descendente de alemães, começa a namorar Teresinha, que não possui a mesma ascendência de seu companheiro. A princípio, não podiam se comunicar, até que Guilherme aprende a falar português e, apesar de Teresinha também aprender o dialeto alemão, eles se comunicam em português. O que Klueger faz é naturalizar a união de diferentes etnias que, vista através de estudos da nacionalização, simboliza o sucesso da campanha nacionalizadora de Vargas, pois essa relação amorosa marca o surgimento de um novo brasileiro. Agora não somente sob o signo das três raças, mas de uma pluralidade que se tornou a sociedade brasileira, com a inserção dos imigrantes alemães, italianos, japoneses, ucranianos, sírios, poloneses e chineses, não mais como sociedades fechadas, mas como parte de uma única sociedade nacional.

¹³ *Ibidem*, p. 87.

¹⁴ BRANCO, Op. cit., p. 28.



Vale lembrar que, ao final do romance, todas as personagens passam a se reconhecer como brasileiros, a viver fora das colônias, mudam para a cidade, e deixam de falar seu dialeto.

Pode-se concluir que o romance *No tempo das tangerinas*, que utiliza a campanha nacionalizadora como pano de fundo da história, faz uma representação do processo de transição da identidade dos imigrantes e seus descendentes, principalmente mostrada no livro com a mudança de atitude de Lucy Sonne e a união de Guilherme e Terezinha. Klueger mostra também a incorporação dos descendentes de alemães na sociedade brasileira como sendo algo positivo e que, apesar da nacionalização, esse sentimento de nacionalidade já se fazia presente em muitos destes descendentes.

Fonte

KLUEGER, Urda A. *No tempo das tangerinas*. Florianópolis: Lunardelli, 5ª edição.

Referências

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTGNAT, Philippe; STREFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. 2ª reimpressão.

BRANCO, Juçara de Souza Castello. *Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória*. Florianópolis, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

CAYUBI NOVAES, Sylvia. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si mesmo através dos outros*. São Paulo: Edusp, 1993.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis, Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 2ª edição.

MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino: uma contribuição à história da educação*. Florianópolis: UFSC, 1984.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas: Unicamp, 1988. 2ª edição.

SEYFERTH, Giralda. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Rio de Janeiro: Mana, abril de 1997. Vol. 3 n.1.

